

PODER

Tarcísio sobe o tom contra Moraes

Em manifestação organizada pela direita na Avenida Paulista, o governador acusa o ministro do Supremo Tribunal Federal de "tirano" e cobra a votação da anistia na Câmara: "Ninguém aguenta mais". Líder do PT e Gilmar Mendes reagem

» WAL LIMA

As manifestações bolsonaristas do 7 de Setembro, realizadas em todas as 27 capitais, transformaram a data da Independência em palco de ofensiva política contra o Supremo Tribunal Federal (STF) e em defesa da anistia aos condenados pelos ataques de 8 de janeiro de 2023, do ex-presidente Jair Bolsonaro e de outros sete réus acusados de tentativa de golpe de Estado. Na Avenida Paulista, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), subiu o tom ao acusar o ministro Alexandre de Moraes de "tirania" e cobrar publicamente a Câmara dos Deputados para pautar o projeto de anistia.

"Ninguém aguenta mais a tirania de um ministro como Moraes. Ninguém aguenta mais o que está acontecendo nesse país", afirmou Tarcísio, diante de apoiadores vestidos de verde e amarelo. O governador também defendeu o pastor Silas Malafaia, que teve o passaporte apreendido por ordem judicial. "Devolvam o passaporte do Silas Malafaia. Devolvam o caderno de sermões do sacerdote", disse.

As declarações provocaram reação imediata. O líder do PT na Câmara, Lindbergh Farias (RJ), afirmou em postagem no X que Tarcísio "cruzou o Rubicão" ao atacar frontalmente o STF. "Não é crítica política, mas um ataque que pode configurar coação no curso do processo, por tentativa de intimidar o ministro relator no meio do julgamento de Bolsonaro e demais golpistas", disse.

O ministro Gilmar Mendes, do STF, também reagiu nas redes sociais. "Não há no Brasil ditadura da toga", tampouco ministros agindo como tiranos. O STF tem cumprido seu papel de guardião da Constituição e do Estado de Direito, impedindo retrocessos e preservando

Nelson Almeida/APP



Tarcísio de Freitas discursa diante de 42 mil pessoas na Avenida Paulista em manifestação de apoio a Bolsonaro

as garantias fundamentais", afirmou em postagem no X.

O líder do PL na Câmara dos Deputados, Sóstenes Cavalcante (RJ), também atacou Moraes, classificando o ministro como "ditador" que vem cometendo "crimes" e perseguindo o ex-presidente da República, motivos que, para ele, abrem brecha para um impeachment.

"Presidente (do Senado) Davi Alcolumbre, já tem 41 assinaturas. Paute o impeachment deste ministro para que ele seja afastado o

quanto antes da Suprema Corte do Brasil", disse o deputado.

Malafaia fala em "circo"

Ainda na manifestação em São Paulo, que reuniu 42,2 mil pessoas, Silas Malafaia foi além e classificou o julgamento do ex-presidente Jair Bolsonaro como "um circo" e "um teatro". O pastor acusou a Corte de perseguir politicamente o ex-mandatário e de aplicar pesos e medidas

diferentes a réus do 8 de Janeiro. "Bolsonaro está sendo julgado por uma turma para acelerar o processo e prender. Isso não é julgamento, é um teatro", afirmou.

Na sequência, a ex-primeira dama Michelle Bolsonaro (PL) foi às lágrimas e protestou contra a prisão domiciliar de Jair Bolsonaro durante o ato na Avenida Paulista. "Não estão sendo dias fáceis", disse, emocionada, no trio elétrico. "Estou tendo que me desdobrar como mãe, como

esposa, como presidente do PL. Cuido da alimentação dele, oro e trago a memória dele que ele é o maior líder da direita de uma nação", disse.

"Na bandeja"

No Rio de Janeiro, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) classificou o processo contra o pai no STF como uma "segunda facada" e acusou Moraes de "psicopatia". "Todo mundo sabe que aquilo é uma



Devolvam o passaporte do Silas Malafaia. Devolvam o caderno de sermões do sacerdote"

Tarcísio de Freitas,
governador de São Paulo

farsa, um teatro. O próprio Supremo vai dar a cabeça de Moraes na bandeja porque ele foi longe demais", declarou.

O parlamentar defendeu que o projeto de anistia inclua também Jair Bolsonaro. "Não vamos admitir uma anistia que não atenda também o presidente. Anistia não é sobre pessoas, é sobre fatos", disse.

Em Belo Horizonte, o deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG) direcionou as críticas ao presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP). O parlamentar o chamou de "covarde" por, segundo ele, se recusar a pautar o pedido de impeachment de Alexandre de Moraes.

"O Senado tem uma figura que, se não pautar o impeachment de Moraes, vai entrar para o rol dos maiores covardes que o Brasil já teve. O que é que eu queria dizer para vocês? É que o seu voto não vale nada e quem manda é ele. Alcolumbre, vou deixar um recado: você não é o supremo povo. Quem manda nesse país não é senador, não é deputado, quem manda são vocês (o povo)", afirmou o deputado ao discursar para os apoiadores.

Em Brasília, "volta Bolsonaro"

» RAPHAEL PATI

Na capital federal, apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro se reuniram, ontem, para defender a liberdade do político e dos presos pelos ataques à Praça dos Três Poderes no dia 8 de janeiro de 2023. A manifestação ocorreu próximo à Torre de TV, ao lado do Eixo Cultural Ibero-americano. Mesmo sem a divulgação oficial, a Polícia Militar do Distrito Federal (PM-DF) trabalhou com a previsão de comparecimento de 15 mil pessoas ao local.

O tema da anistia foi o principal durante a manifestação, ao mesmo tempo em que as pessoas entoavam "Volta Bolsonaro". Cartazes também pediam o impeachment do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes, relator do processo que julga

Bolsonaro e outros sete réus no caso da trama golpista após as eleições de 2022. Além de bandeiras do Brasil, os manifestantes levaram flâmulas dos Estados Unidos e de Israel, e pediram ajuda do presidente dos EUA, Donald Trump, no processo que pode condenar o ex-presidente.

No palanque, marcaram presença os senadores Izalci Lucas (PL-DF) e Damare Alves (Republicanos-DF), os deputados federais Alberto Fraga (PL-DF), Mario Frias (PL-SP) e Bia Kicis (PL-DF), além do distrital Thiago Manzoni (PL). Damare conclamou os apoiadores a manter a esperança acesa e disse que "falta muito pouco", fazendo referência às pautas defendidas na manifestação.

"Há um ano, nós não tínhamos uma (Lei) Magnitsky, nós não tínhamos três comissões no Senado e a

vice-presidência do Senado. Não tínhamos a presidência e a relatoria da CPI do INSS, não tínhamos a CPI dos Correios e nós não tínhamos o povo com coragem de novo nas ruas. Nós estamos voltando", disse Damare, em tom de protesto, à multidão.

Antes da senadora, o ex-ministro da Cultura Mário Frias marcou presença no palanque e disse que eleição sem Bolsonaro é "golpe". O ex-presidente está inelegível até 2030, por decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), por abuso de poder político e econômico nas comemorações do Bicentenário da Independência.

"Qual crime Bolsonaro cometeu? Ele disse uma frase durante a pandemia e foi muito criticado por isso. Ele disse: nossa liberdade é sagrada e vale mais do que a nossa própria vida. Quero dar um recado para todos

aqueles que acham que vão mandar no Brasil: nós não temos medo de vocês. A vontade do povo de uma democracia se apresenta em uma eleição. E eleição sem Bolsonaro neste país é golpe", disse Frias.

Os atos em Brasília foram organizados pelo movimento de direita Influenciadores do Brasil. Uma das ativistas do grupo, Raquel Santana, de 60 anos, disse ao **Correio** que a manifestação se mostrou um sucesso e acredita que o 8 de Janeiro foi uma "armadilha" aos que invadiram as sedes dos Três Poderes. "Quando os patriotas chegaram lá, já estava acontecendo a deprecação, mas infelizmente o efeito manada existe, e muitos deles acabaram participando de maneira inocente, achando que alguma coisa poderia acontecer e deu no que deu", disse.

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Em Brasília, cerca de 15 mil pessoas compareceram ao ato

Atos da esquerda repudiam anistia e tarifaço

» ALÍCIA BERNARDES
» DANANDRA ROCHA

Movimentos sociais, centrais sindicais e partidos de esquerda ocuparam ruas e praças neste feriado da Independência, em atos do tradicional Grito dos Excluídos e em manifestações paralelas ao desfile cívico-militar na Esplanada. As mobilizações, realizadas em 72 cidades, sendo 26 capitais (a exceção foi Macapá), tiveram como eixos principais a defesa da soberania nacional, críticas à política dos Estados Unidos e a rejeição à anistia aos envolvidos nos ataques de 8 de janeiro de 2023.

Na capital federal, o ato se concentrou na Praça Zumbi dos Palmares, no Conic, com palavras de ordem, batucadas e bandeiras erguidas desde as primeiras horas da manhã. O tema deste ano foi "Vida em Primeiro Lugar", acompanhado do lema "Cuidar da casa comum e da democracia". Participaram representantes de movimentos

estudantis, sindicais, culturais e populares. O professor João Henrique Alves, 41 anos, resumiu o espírito da mobilização: "O 7 de Setembro não pode ser reduzido a um desfile oficial. Independência é justiça social, o Brasil é nosso e a bandeira também é nossa", disse.

A professora aposentada Lúcia Marçal, 67 anos, destacou a memória recente dos ataques golpistas. "Não podemos permitir que a impunidade saia vitoriosa. O país precisa mostrar que aprendeu com a história e não aceitará retrocessos", afirmou. Já o estudante universitário Tiago Ferreira, 17, levou cartazes contra a violência política e defendeu o engajamento da juventude: "O futuro precisa ser construído com democracia e participação popular", declarou.

Além dos movimentos sociais, políticos da esquerda reforçaram o tom contra a anistia. O secretário-executivo do Ministério da Justiça, Ricardo Capelli, lembrou a atuação nos dias que sucederam

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Os petistas se reuniram na Praça Zumbi dos Palmares, no Conic

o 8 de Janeiro. "Passamos noites sem dormir desmontando acampamentos e prendendo mais de 1,2 mil golpistas. Agora, não podemos permitir que transformem isso em

impunidade. Esta semana será histórica", afirmou, também alertando para riscos eleitorais em 2026: "Trump já deixou claro que tentará interferir na soberania do Brasil.

Precisamos reeleger Lula e dialogar com o povo trabalhador".

A deputada Erika Kokay (PT-DF) foi categórica: "Não há espaço para perdão a quem atentou contra o Brasil. Prisão para Bolsonaro e liberdade para o povo brasileiro". O deputado Glauber Braga (PSol-RJ) levou o filho ao ato e defendeu a mobilização popular como resistência. "Quem defende de verdade a Independência são aqueles que escolhem as ruas como instrumento de luta. Não adianta usar a bandeira nacional para justificar submissão a Trump ou ataques à democracia", declarou. Ele também cobrou responsabilização da família Bolsonaro.

Em São Paulo, o ato ocorreu na Praça da República, reunindo cerca de 8,8 mil pessoas, segundo estimativa do Monitor do Debate Político da USP e da ONG More in Common. Vestindo predominantemente vermelho, mas também amarelo e verde, os manifestantes estenderam uma bandeira gigante

do Brasil e exibiram um boneco inflável de Jair Bolsonaro vestido de presidiário. O evento contou com a presença dos ministros Alexandre Padilha (Saúde) e Luiz Marinho (Trabalho), do presidente nacional do PT, Edinho Silva, e dos deputados Guilherme Boulos e Érika Hilton (PSol-SP).

As falas enfatizaram a defesa da soberania, impulsionadas pela decisão dos Estados Unidos de impor tarifas de 50% sobre produtos brasileiros. "Essa proposta de anistia não interessa ao país, mas a um pequeno grupo. Como pode o governador do estado mais rico interromper a agenda para articular contra a Constituição?", questionou o deputado Kiko Celeguim (PT-SP), em crítica a Tarcísio de Freitas (Republicanos). O deputado estadual Antônio Donato (PT) classificou Bolsonaro e Tarcísio como "traidores da pátria", enquanto a vereadora Silvia (PSol) chamou os aliados do ex-presidente de "capachos de Trump".